

ESTUDOS URBANOS E CIBERESPAÇO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS GEOGRAFIAS DA ERA VIRTUAL

Famara de Souza Lemos¹
Giovana Oliveira do Nascimento²

RESUMO

Este artigo nasce da inquietação sobre as geografias que emergem com a digitalização do Espaço Geográfico. Investigamos a relação entre o ciberespaço e as dinâmicas espaciais citadinas, nos fluxos promovidos pelos usos das plataformas digitais no espaço urbano. Utilizamos a netnografia, metodologia adaptada ao mundo digital para guiar nossa análise sobre as interações entre o ambiente virtual e o espaço urbano em suas materialidades e imaterialidades, com as transformações decorrentes da conectividade instantânea e suas implicações ao meio técnico-científico-informacional. Para refletir sobre essas mudanças, nosso percurso é fundamentado em um diálogo com as ideias de Santos (2006; 2013), Massey (2008), Lévy (1999), Dowbor (2020).

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Ciberespaço. Meio técnico-científico-informacional.

URBAN STUDIES AND CYBERSPACE: A REFLECTION ON THE GEOGRAPHIES OF THE VIRTUAL ERA

ABSTRACT

This article stems from the disquiet concerning the geographies that emerge with the digitalization of the Geographic Space. We investigate the relationship between cyberspace and city spatial dynamics, focusing on the flows promoted by the use of digital platforms in the urban space. We employ netnography, a methodology adapted to the digital world, to guide our analysis of the interactions between the virtual environment and the urban space in its materialities and immaterialities, considering the transformations resulting from instantaneous connectivity and its implications for the technical-scientific-informational environment (or technical-scientific-informational medium). To reflect upon these changes, our approach is based on a dialogue with the ideas of Santos (2006; 2013), Massey (2008), Lévy (1999), and Dowbor (2020).

KEYWORDS: City. Cyberspace. Technical-scientific-informational environment (or Technical-scientific-informational medium)

ESTUDIOS URBANOS Y CIBERESPACIO: UNA REFLEXIÓN SOBRE LAS GEOGRAFÍAS DE LA ERA VIRTUAL

¹Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Mestra em Geografia pelo PPGe/UFRN, e-mail: famaralemos@gmail.com

²Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Mestra em Geografia pelo GEOPROF/UFRN, e-mail: giovana.oliveira804@gmail.com

RESUMEN

Este artículo surge de la inquietud sobre las geografías que emergen con la digitalización del Espacio Geográfico. Investigamos la relación entre el ciberespacio y las dinámicas espaciales ciudadanas (o dinámicas espaciales urbanas), centrándonos en los flujos promovidos por el uso de plataformas digitales en el espacio urbano. Empleamos la netnografía, una metodología adaptada al mundo digital, para guiar nuestro análisis de las interacciones entre el ambiente virtual y el espacio urbano en sus materialidades, considerando las transformaciones derivadas de la conectividad instantánea y sus implicaciones para el medio técnico-científico-informacional. Para reflexionar sobre estos cambios, nuestro recorrido se fundamenta en un diálogo con las ideas de Santos (2006; 2013), Massey (2008), Lévy (1999) y Dowbor (2020).

PALABRAS CLAVE: Ciudad. Ciberespacio. Medio técnico-científico-informacional.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a ciência geográfica debruça-se sobre o estudo dos espaços urbanos a partir de suas materialidades, por intermédio de seus fixos, dinâmicas, conflitos e contradições. As cidades expressam em suas tramas espaciais as relações econômicas, sociais, políticas da vida na sociedade urbano-industrial nas últimas décadas, cada vez mais estas relações se atualizam pelos usos e apropriações tecnológicas e as imaterialidades delas decorrentes.

Observa-se na contemporaneidade uma sociedade balizada pela incessante inovação técnica e científica dos meios, este fenômeno repercute diretamente nas relações sociais cotidianas e nos modelos de produção e reprodução espacial, promovendo profundas transformações na cultura dada à emergência do ciberespaço (NASCIMENTO, 2021). Enquanto conceito basilar desses escritos, cabe aqui defini-lo segundo Martino (2015, p. 21), o prefixo “*ciber*” representa um estudo das relações que ocorrem em um meio virtual, com seu valor agregado ao surgimento e disseminação da internet e dos ambientes digitais.

Para Pierre Lévy, o ciberespaço é um espaço aberto, interacional, cuja principal marca reside na multiplicidade e virtualidade. Entre suas características, destacam-se a plasticidade, a fluidez, a artificialização e a memória coletiva (LÉVY, 1999). Nessa perspectiva, percebemos que o ciberespaço não estabelece uma realidade totalmente nova; em vez disso, ele representa uma maneira de conceber e estruturar o espaço urbano do presente, que pode ser compreendido de três formas: pela conectividade instantânea; pela cidade em sua relação com as plataformas

digitais nas relações produtivas e trabalhistas; e pelas mobilidades contemporâneas implicadas aos discursos e imagens digitais.

Descrever a cidade pós-moderna nesta sociedade urbano tecnológica envolve reconhecer a presença das materialidades e das imaterialidades vinculadas a digitalização do espaço geográfico, como os usos dos dispositivos digitais que atuam como agentes de publicidade na paisagem urbana, a constante interação com os *smartphones* e os aplicativos de mobilidade urbana, o compartilhamento de informações oficiais por canais de comunicação *online*, divulgando, em tempo real, nas redes sociais virtuais as imagens das ruas e avenidas. Tais elementos direcionam nosso olhar para o mundo imaterial dos dados no funcionamento, organização e dinâmicas no espaço urbano.

Os cidadãos habitam os ambientes virtuais na contínua interação entre ciberespaço e espaço urbano vivenciadas no cotidiano que demonstram a intrincada dinâmica entre tecnosfera e a psicoesfera, tal vínculo nos conduz a perceber o espaço geográfico como híbrido (SANTOS, 2006). Consideramos que o meio técnico-científico-informacional se apresenta enquanto emergência espacial, neste meio geográfico onde “a primeira natureza que conta não é a natureza material, mas sim a natureza já artificializada” (SANTOS, 2013, p. 41), entrelaçando o material e o virtual, o local e o global, a presença física e a mediação tecnológica.

Em tempos de interconexões, observa-se a emergência de espacialidades que se constroem dentro de uma esfera virtual, reverberando nas dinâmicas urbanas nas redes de informação e no conjunto de interações sociais decorrentes das virtualidades. Desse modo, entendemos a importância de direcionarmos nosso olhar para os usos e apropriações das tecnologias digitais na sociedade, sobretudo, nas relações de trabalho e de mobilidade urbana. Considerando a complexidade da inserção de tecnologias no cotidiano urbano, questionamos: de que maneira o ciberespaço está produzindo novas dinâmicas espaciais urbanas?

O objetivo deste artigo é, portanto, discutir as relações entre o ciberespaço e os estudos urbanos na geografia contemporânea, partindo do entendimento de que a técnica consiste em uma possibilidade de reflexão sobre a evolução humana no espaço geográfico e sobre o qual foi responsável pelo desenvolvimento da digitalização do espaço e suas reverberações nos aspectos da vida cotidiana aos quais se inserem nas tramas da virtualidade e do ciberespaço. Ciente de que esta temática se encontra em um campo de crescimento no âmbito dos estudos geográficos, algumas das ideias que compõem este artigo realizam-se nos trabalhos das autoras,

constituindo parte das reflexões em dissertação e tese de doutorado em andamento, vinculadas à pesquisa geográfica na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

NETNOGRAFIA: ABORDAGEM METODOLÓGICA NA GEOGRAFIA URBANA

O fazer metodológico na pesquisa científica se apresenta como um campo de possibilidades para a investigação geográfica, e, partindo do pressuposto de que toda pesquisa possui um compromisso social com a análise da realidade, alcançamos este estudo como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, iniciada com uma revisão bibliográfica.

As transformações tecnológicas vivenciadas nas últimas décadas do século XXI nos revelam a necessidade de atualização dos procedimentos metodológicos de pesquisa que abarquem a dimensão imaterial do conteúdo informacional produzido no ciberespaço, este ambiente virtual de produção de dados e fluxos de informações que repercutem em diversas escalas espaciais se torna espaço privilegiado de contato com informações em de redes sociais virtuais e em plataformas *online*, onde se hospedam os aplicativos de geolocalização que também se configuram como ambientes de interação, nos quais os sujeitos constroem e expressam territorialidades, mobilidades, discursos e representações espaciais.

No processo de produção do conhecimento, faz-se mister desenvolver estratégias metodológicas capazes de conferir rigor analítico e cientificidade à massiva quantidade de dados que, a cada interação, cresce de forma exponencial no ambiente digital. Tal esforço é fundamental para investigar, sob uma perspectiva geográfica, os compartilhamentos de mídias digitais, seus alcances espaciais e seus impactos nas dinâmicas urbanas contemporâneas. Nesse contexto, incorporou-se à pesquisa a prática netnográfica, uma metodologia qualitativa desenvolvida de forma pioneira por Robert V. Kozinets no campo dos estudos de marketing e comportamento do consumidor, especialmente voltada à análise de mídias sociais e ambientes digitais.

Conforme Kozinets (2014), a netnografia consiste na adaptação sistemática de princípios e técnicas da etnografia clássica para o estudo de culturas e comunidades que se constituem no ciberespaço, considerando interações mediadas por tecnologias digitais, discursos *online*, práticas simbólicas e formas específicas de sociabilidade virtual. Por meio de procedimentos observacionais, interpretativos e éticos, a netnografia possibilita a compreensão

aprofundada dos sentidos produzidos nas interações digitais, revelando dinâmicas culturais, relações de pertencimento e territorialidades simbólicas que extrapolam o espaço virtual e se articulam a práticas espaciais e suas materialidades.

Nos últimos anos, geógrafos têm incorporado procedimentos netnográficos com o objetivo de apreender a produção do espaço na era informacional, marcada pela intensificação das interações mediadas por tecnologias digitais e pela crescente imbricação entre o espaço físico e o ciberespaço (BERNARDES, 2021; GÓES; MELAZZO, 2022; FERREIRA, 2022). Esses autores reconhecem que plataformas digitais, redes sociais virtuais e comunidades online constituem espaços de sociabilidade que atuam em aspectos simbólicos e na construção de sentidos, nos quais se produzem representações e modos de apropriação territorial que incidem sobre as dinâmicas urbanas.

Em particular, Bernardes (2021) destaca a centralidade das mediações digitais na conformação de novas racionalidades espaciais, apontando a necessidade de métodos capazes de captar fluxos informacionais, discursos e práticas cotidianas que escapam às abordagens tradicionais da Geografia. Góes e Melazzo (2022), por sua vez, evidenciam como a observação sistemática de interações online contribui para compreender processos contemporâneos de urbanização, consumo do espaço e turistificação, ao revelar dinâmicas de visibilidade, valorização simbólica e circulação de narrativas sobre os lugares. Já Ferreira (2022) enfatiza o potencial da netnografia para analisar territorialidades emergentes e formas híbridas de espacialização, nas quais o digital não substitui o espaço vivido, mas o reconfigura, produzindo novas escalas de ação, pertencimento e controle.

Assim, ao observar sistematicamente as interações em comunidades virtuais, a netnografia possibilita à ciência geográfica registrar os processos afetivos e discursivos que atravessam e constituem as dinâmicas espaciais contemporâneas. Em diálogo com os estudos recentes que incorporam o digital como dimensão constitutiva da produção do espaço, esse procedimento metodológico nos permite acessar narrativas e representações que, em grande medida, escapavam às investigações empíricas tradicionalmente situadas *in loco*, sobretudo aquelas voltadas às dimensões imateriais da experiência espacial, como sentidos de pertencimento, de comunidade, os imaginários territoriais e as apropriações simbólicas dos lugares.

Entre as possibilidades de aplicação da netnografia na Geografia, destacam-se os estudos sobre territorialidades digitais, compreendidas como formas contemporâneas de apropriação, significação e produção do espaço mediadas por tecnologias digitais. Inserem-se nesse campo analítico, por exemplo, as comunidades de nômades digitais³, os coletivos de arte urbana organizados em redes sociais e os grupos de ativismo socioambiental que articulam suas ações a partir de plataformas digitais.

Esses grupos constroem territorialidades digitais por meio do compartilhamento de vivências e estilos de vida que se projetam no ciberespaço, especialmente em redes sociais virtuais e plataformas digitais. Tais ambientes operam como extensões do espaço vivido, onde se produzem espacialidades híbridas e multiescalares, capazes de influenciar dinâmicas urbanas, processos de valorização simbólica dos lugares e a circulação de sentidos que extrapolam as fronteiras físicas dos territórios efetivamente ocupados.

Os dados provenientes dos compartilhamentos possibilitam a análise do conteúdo digital em redes sociais virtuais como o Instagram, YouTube ou X, plataformas como Airbnb, Booking ou Uber. As interações presentes nestes ciberespaços nos revelam disputas simbólicas, processos de estetização e turistificação de determinados espaços urbanos por meio da produção imagética digital.

A metodologia netnográfica contribuiu para revelar os processos de territorialização e desterritorialização que se operam nos espaços digitais. Isso é especialmente relevante em um cenário no qual no espaço urbano, o trabalho e a mobilidade, passam a ser mediados e, por vezes, determinados pelo uso de plataformas digitais. Assim, a netnografia se torna um procedimento metodológico (Quadro 1) potente que subsidia a obtenção de dados para análises, leituras e interpretações sobre o ciberespaço na era das redes.

³ Termo que designa um estilo de vida adotado por teletrabalhadores e profissionais que utilizam dispositivos móveis e a conectividade à internet para desempenhar atividades laborais de forma remota. Por não realizarem atividades profissionais presencialmente em local fixo, possuem mobilidade espacial e usufruem de certa “liberdade geográfica”.

Quadro 1 - Procedimentos e análises na netnografia

Etapa	Descrição	Limitações
Coleta de dados	Levantamento de materiais produzidos em ambientes digitais: hipertextos, imagens, vídeos, hashtags, comentários e demais elementos de expressão cultural dos grupos investigados.	Acesso a dados não públicos das plataformas digitais; Proteção da privacidade dos usuários.
Análise do conteúdo digital	Identificação e interpretação de dinâmicas socioculturais, tais como: <ul style="list-style-type: none">• Disputas simbólicas• Processos de estetização • Turistificação e produção de paisagens digitais • Construção de identidades e pertencimentos	Ética na pesquisa; Consentimento dos usuários.

Fonte: Kozinets (2014), elaboração das autoras (2026)

Tal qual a etnografia, a netnografia requer um processo sistemático de observação participante em ambientes digitais, com a imersão do pesquisador nas interações e conteúdos produzidos pelas comunidades virtuais. A coleta de dados envolve a análise de textos, imagens, vídeos, *hashtags*, comentários e outros elementos que constituem a expressão digital dos grupos investigados. Essa metodologia exige também uma postura ética quanto à presença do pesquisador nos ambientes virtuais, com a gestão de dados públicos e à proteção da privacidade dos usuários/sujeitos. A adoção deste procedimento contribui para ampliação das investigações geográficas, incorporando o ciberespaço como objeto legítimo de análise, compreendendo os ambientes virtuais como territórios em disputa, onde se expressam processos sociais e culturais que repercutem nas dinâmicas espaciais urbanas.

A CIDADE PARA ALÉM DA MATERIALIDADE

A cidade constitui um reflexo dinâmico da vida em sociedade, materializando a realização humana na organização do espaço e da paisagem. Ao imaginarmos a urbe contemporânea, observamos a circulação incessante de pessoas e veículos em fluxos constantes, as trocas comerciais e o ritmo acelerado daqueles que se dirigem ao trabalho ou a momentos de lazer. Contudo, uma nova dimensão se insere nessa cena cotidiana: carros equipados com sistemas de *GPS*, pessoas absortas em seus telefones móveis em busca de informações, ao mesmo tempo em que recebem e enviam mensagens instantâneas.

A vida virtual, assim, mescla-se de forma indissociável ao espaço geográfico. Trata-se da cidade que habitamos na contemporaneidade, cujos muros e fronteiras transcendem barreiras visíveis e se projetam em uma dimensão imaterial, na qual o virtual passa a constituir o próprio aqui. Para Vallerius (2011), o mundo configura-se como um palco de transformações humanas, no qual o avanço da ciência e da tecnologia atua de maneira decisiva na modificação de valores, práticas e costumes.

Ao analisarmos a interação entre o ciberespaço e o espaço urbano, evidencia-se o papel central das redes de informação na constituição do meio técnico-científico-informacional (Santos, 2006), bem como na produção do território e de territorialidades digitais que emergem da redefinição das relações entre espaço e tempo, intensificadas pelas especializações técnicas. Essa perspectiva realça dinâmicas que se sobrepõem à cidade e aos seus habitantes, uma vez que, como aponta Carlos (2015, p. 70), o espaço urbano é “condição, meio e produto da reprodução da sociedade”. Discutir o espaço urbano, portanto, implica reconhecer o ser humano como sujeito de ação, imerso em valores, sentidos, símbolos e significados que se reconfiguram à medida que o espaço geográfico se digitaliza.

Para a geógrafa Doreen Massey (2008) o espaço é um construto dinâmico, constituído por múltiplas trajetórias e relações sociais que coexistem de forma heterogênea, mantendo-se sempre aberto a novas possibilidades (vir a ser). Essa visão relacional e processual do espaço converge com a formulação de Milton Santos (2006) que entende o espaço geográfico como conjunto indissociável, solidário e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações. Ambos geógrafos defendem que o espaço é um processo, construção continuamente renovada pelas práticas humanas, nesse sentido Santos (2013, p. 39) escreve:

Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser intelectualmente reconstruídas em termos de sistema, isto é, como mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana realizando-se. Essa realização dá-se sobre uma base material: o espaço e seu uso, o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas, ações e suas diversas feições.

No contexto do ciberespaço, essas relações se desenrolam em rede, conectando sujeitos e lugares por meio de uma complexa teia de interações virtuais que, conforme discutido por Nascimento (2021) podem ser compreendidas como expressões do próprio espaço geográfico na contemporaneidade resultante da interação indissociável entre as dimensões físicas e virtual,

materiais e imateriais. Comportando-se como uma configuração espacial atualizada, moldada pelo avanço das tecnologias de informação e comunicação, que promovem o surgimento de ambientes geográficos inseridos no ciberespaço.

Essa virtualidade, se organiza através de afinidades e interesses entre seus usuários e características de interface das plataformas virtuais, permitindo a construção de vínculos e identidades singulares que não existem unicamente no ambiente digital, se ramificam em materialidades no espaço geográfico. Portanto, essa dinâmica, que considera as particularidades e conexões entre as geografias *de dentro* e *de fora* da rede, fundamenta a necessidade de se pensar em uma Geografia Virtual (NASCIMENTO, 2021).

Existe uma convergência das categorias geográficas quando observadas no âmbito do ciberespaço, tomando como exemplo a noção sobre território que ganha existência dentro de um domínio virtual; as fronteiras virtuais demarcam limitações dentro do espaço virtual (NASCIMENTO, 2021). Ao estabelecer uma conexão com a rede de internet - conexão mundial de computadores - há um agrupamento de espaços virtuais regionalizados por características semelhantes; uma confluência espacial acontece no surgimento de novos lugares, compreendidos a partir de vínculos singulares estabelecidos unicamente nas redes e que são capazes de construir uma noção de identidade por aqueles que os habitam e constroem neles uma cibercultura.

Na conjuntura atual, a conectividade tornou-se um fator essencial para todos os indivíduos, independentemente da condição socioeconômica ou posição social. A economia digital, inserida na era do capitalismo de plataforma, apropriou-se das estruturas no ciberespaço para promover a dominância virtual, especialmente por parte de corporações financeiras e *Big Techs*, atores centrais da globalização. De modo que a globalização e a digitalização do espaço provocam transformações que flexibilizam, precarizam, promovem a “uberização” das relações de trabalho e o conseqüente aprofundamento das desigualdades sociais e estruturais no espaço urbano.

O economista brasileiro Ladislau Dowbor (2020) propõe uma reflexão crítica sobre os rumos da economia mundial ao discutir sobre o capitalismo de plataforma, modelo caracterizado pela centralidade das redes digitais e pelo controle de fluxos informacionais. Nesse novo paradigma, a acumulação de riqueza deixa de estar ancorada na produção material e se desloca para o domínio de plataformas digitais imateriais, onde o poder reside na

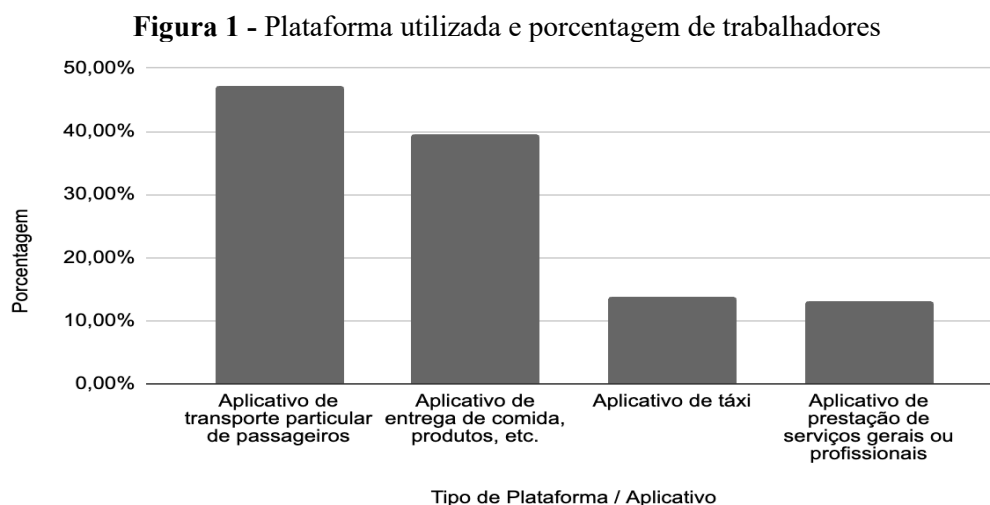
capacidade de intermediar conexões, transações e fluxos de dados. A virtualização das atividades produtivas e a ascensão das tecnologias digitais provocam reconfigurações significativas no espaço e nas formas de organização do trabalho, gerando novas dinâmicas de exploração e de competitividade empresarial.

Segundo Dowbor (2020, p. 183), grandes corporações estruturam redes globais de controle, como *holdings* transnacionais que influenciam diretamente o Produto Interno Bruto (PIB) de diversos países, com repercussões nas relações de trabalho. Nesse cenário, os lucros tradicionais são crescentemente substituídos por dividendos oriundos da especulação financeira, ampliando os níveis de exploração dos trabalhadores e das atividades que se realizam nos espaços urbanos, onde fluxos virtuais e físicos, materiais e imateriais circulam intensamente.

Para ilustrar essa questão, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua 2023), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística revelam que, no ano de 2022, o Brasil registrou cerca de 1,5 milhão de pessoas trabalhando por meio de plataformas digitais. Desse contingente, 52,2% (778 mil) tinham como atividade principal o transporte de passageiros por aplicativo, enquanto 39,5% (589 mil) atuavam em serviços de entrega de mercadorias.

A maior parcela de trabalhadores plataformizados é composta por homens (81,3%), proporção que supera a média geral de trabalhadores no setor privado (59,1%), revelando as vicissitudes da uberização. Outro dado alarmante dessa pesquisa está no grau de escolaridade: os plataformizados concentram-se nos níveis médio completo ou superior incompleto (61,3%). Quase metade desses trabalhadores (48,4%) está na faixa etária dos 25 aos 39 anos, o que impacta diretamente a qualidade de vida, a projeção financeira e o sistema previdenciário nacional, pois a maior parte desses trabalhadores informais deveriam compor a PEA (População Economicamente Ativa).

A Figura 1 auxilia na compreensão da plataforma utilizada e da distribuição percentual de trabalhadores plataformizados, destacando que quase metade se concentra em aplicativos de transporte particular de passageiros, seguidos pelos entregadores de comida e produtos, aplicativos de táxi e, por fim, a prestação de serviços gerais.



Fonte: Adaptado de PNAD Contínua 2022 (2023)

A pesquisa também destaca a expansão do teletrabalho no mundo e o no Brasil, revelando uma nova tendência que afeta os centros urbanos com a chegada de fluxos migratórios de grupos que adotam o nomadismo digital⁴. No mundo pós-pandemia, diversas profissões se adaptaram ao mundo digital, os teletrabalhadores utilizam dispositivos móveis e a conectividade à internet para trabalhar de diversos lugares do mundo, exercitando uma liberdade geográfica sem precedentes nas relações de trabalho até então.

Em 2022, aproximadamente 9,4 milhões de pessoas no Brasil estavam em regime de teletrabalho, representando cerca de 10% dos ocupados que não estavam afastados de suas funções no período de referência da pesquisa, realizada no contexto das repercussões da pandemia de Covid-19 no país. Os teletrabalhadores são majoritariamente profissionais especializados, de níveis educacionais elevados, com maior presença nas regiões Sudeste e Sul do país.

A PNAD Contínua mostra que o teletrabalho ainda é um privilégio de uma fração específica da população economicamente ativa, o que evidencia a necessidade de políticas públicas que ampliem o acesso à conectividade e às condições adequadas para o trabalho remoto em outras regiões do país. Além disso, torna-se fundamental distinguir os trabalhadores plataformizados dos teletrabalhadores, categorias frequentemente confundidas no debate

⁴Refere-se a um estilo de vida no qual profissionais trabalham remotamente, utilizando tecnologias digitais para exercer suas atividades, enquanto viajam entre diferentes cidades, países e continentes.

público, mas que expressam condições laborais, níveis de autonomia e impactos territoriais diferentes.

Os trabalhadores plataformizados se inserem em atividades mediadas por plataformas digitais que organizam, controlam e precarizam o trabalho por meio de algoritmos, com forte dependência territorial e atuação predominantemente local, como no transporte de passageiros e na entrega de mercadorias. Do ponto de vista geográfico, a plataformização tende a reforçar dinâmicas de exploração fortemente ancoradas nas dinâmicas urbanas. Tozzi, Duarte e Castanheira (2021) evidenciam que as plataformas digitais operam como plataformas territoriais, uma vez que dependem da materialidade das infraestruturas de circulação e das redes técnicas para viabilizar sua operação.

Em contraste, os teletrabalhadores exercem funções baseadas no uso intensivo da informação, da comunicação e do conhecimento, podendo desempenhar suas atividades de forma remota. O nomadismo digital adotado por profissionais que são teletrabalhadores engendra novas mobilidades, com fluxos migratórios seletivos e reconfigurações territoriais que incidem sobre cidades e regiões inseridas nas redes globais.

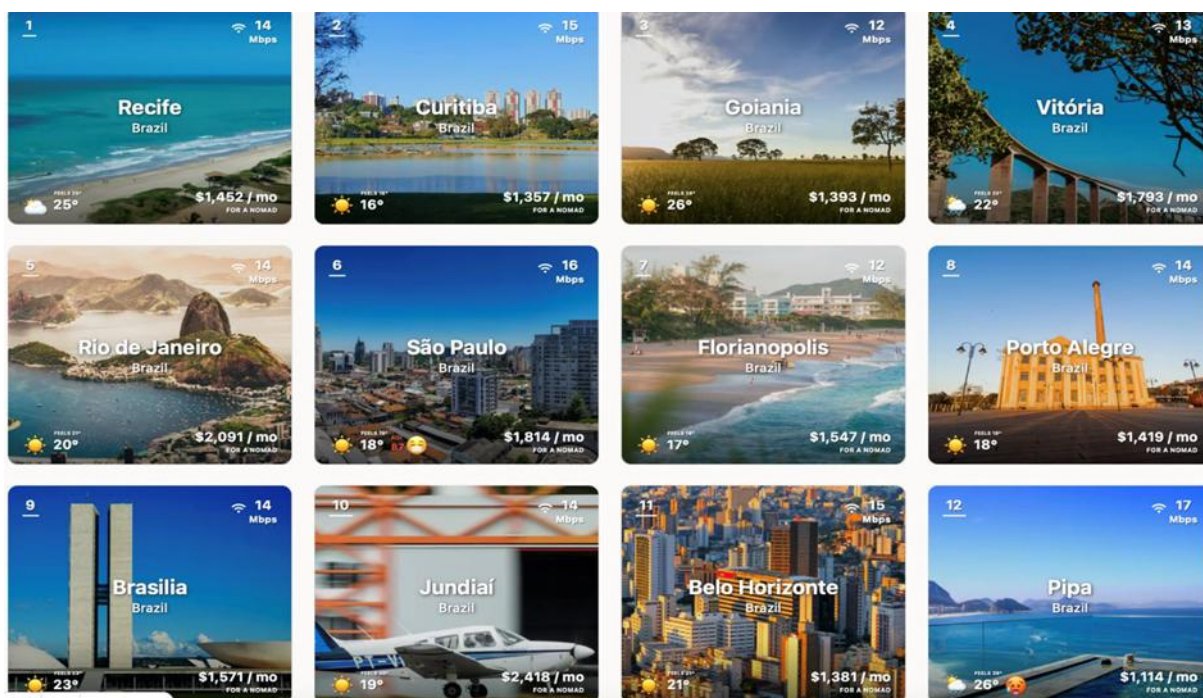
Os profissionais que adotam o estilo de vida passam a buscar cidades com melhor qualidade de vida ou menor custo de moradia, já que não há mais a necessidade de estarem presentes fisicamente em grandes centros urbanos. Inserido nesse contexto, o nomadismo digital tem sido compreendido pela literatura acadêmica como um modo específico de inserção no trabalho remoto, associado a profissionais que exercem atividades profissionais valendo-se das tecnologias digitais para dissociar o trabalho de uma localização fixa (MAKIMOTO; MANNERS, 1997; REICHENBERGER, 2017; THOMPSON, 2019).

Os nômades digitais operam em circuitos globais, escolhendo estrategicamente seus locais de residência temporária a partir de critérios como conectividade, custo de vida, qualidade ambiental e estilo de vida (COOK, 2020; MANCINELLI, 2020). Desse modo, o trabalho remoto contribui para transformações, pois confere maior autonomia espacial aos teletrabalhadores, ao mesmo tempo em que produz efeitos territoriais seletivos, como a reconfiguração de destinos turísticos, a intensificação de processos de valorização simbólica e imobiliária em determinados lugares.

Através da netnografia na plataforma digital *Nomads.com* identificamos dados sobre as melhores cidades para os nômades digitais morarem no Brasil. A Figura 02 apresenta um ranking das cidades brasileiras, considerando critérios como custo de vida, velocidade da internet, condições climáticas, segurança, utilizados para avaliar as experiências pelos usuários da plataforma. Cidades como Recife/PE, Curitiba/PR, Goiânia/GO e Vitória/ES aparecem como opções mais atrativas, ao lado de destinos turísticos consolidados como Rio de Janeiro/RJ, São Paulo/SP, Florianópolis/SC. A Praia da Pipa localizada no município de Tibau do Sul, no Rio Grande do Norte, se destaca por ser o único distrito turístico litorâneo nordestino, em uma lista entre capitais e centros urbanos.

Os nômades digitais atuam intensamente no ciberespaço, utilizando plataformas digitais para selecionar destinos, organizar deslocamentos e compartilhar vivências. Ao fazê-lo, materializam relações sociais e econômicas em distintos territórios físicos, ao mesmo tempo em que produzem territorialidades imateriais, constituídas por experiências, avaliações, narrativas e pela produção contínua de informações. Desse modo, o espaço geográfico ressignifica-se por interações que atravessam o físico e o virtual, configurando novas formas de habitar, trabalhar e viver, próprias das dinâmicas contemporâneas do trabalho e da mobilidade.

Figura 01 – *Best Places to Live in Brazil* segundo a plataforma digital *Nomads.com*



Fonte: Nomads (2025)

As repercussões desse fenômeno se estendem por múltiplas esferas, impactando tanto as condições de vida dos trabalhadores, quanto às dinâmicas urbanas que recebem fluxos, mobilidades e conflitos dos usos e apropriações intermediados pelas plataformas digitais. No âmbito trabalhista observa-se, tanto nos trabalhadores plataformizados, quanto nos teletrabalhadores, a intensificação da exploração da mão de obra e a notória dificuldade do poder público em formular legislações que garantam as regulamentações aos direitos dos trabalhadores, dado que a flexibilização se apresenta como um novo tipo de gestão e controle da força laboral (ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN, 2021).

Paralelamente, a mobilidade nos grandes centros é diretamente afetada por uma alteração no uso das vias de mobilidade urbana e transporte público para a parcela de teletrabalhadores que realizam suas atividades em casa ou em ambientes alternativos ao escritório tradicional. Por outro lado, as vias se tornam saturadas pela crescente frota de motoristas de aplicativos e por entregadores que, ao circularem em carros, motocicletas e bicicletas, frequentemente carecem de infraestrutura adequada para se deslocarem com segurança no ambiente citadino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, buscou-se discutir as transformações contemporâneas que emergem da digitalização do espaço geográfico e seu impacto nos usos e apropriações do meio urbano. A netnografia, empregada como ferramenta metodológica, foi fundamental para investigar como o ciberespaço reestrutura a cidade de forma concreta, especialmente através da conectividade instantânea, das relações de trabalho e das mobilidades sobrepostas no meio técnico-científico-informacional. Este último se manifesta como uma emergência espacial, conduzindo à identificação do espaço geográfico como elo indissociável.

Ademais, a incorporação do procedimento netnográfico mostrou-se essencial para apreender a produção espacial na era informacional e digitalizada, permitindo uma reflexão sobre os modos como a ciência geográfica pode utilizar metodologias científicas numa perspectiva de uma geografia virtual e contemporânea, discutindo processos discursivos que atravessam práticas cotidianas na era globalizada.

Nossa análise evidenciou o modo como a cidade pós-moderna se constitui como um espaço híbrido, onde materialidades e imaterialidades se entrelaçam, inseridas em um contexto do capitalismo de plataforma que se apropria de estruturas virtuais que repercutem espacialmente. Tal cenário resulta na flexibilização trabalhista, na precarização e no aumento do trabalho informacional, também chamado de “uberização” das relações de trabalho. Paralelamente, tem-se o destaque ao fenômeno do teletrabalho e do nomadismo digital, com as mobilidades e novos padrões de comportamento contemporâneo, abrangendo desde a atividade profissional, a busca pela conciliação entre trabalho e lazeres, mediado pelo trabalho digital e pelas plataformas digitais.

Desse modo, reforçamos, aqui, a necessidade de novas abordagens e estudos acadêmicos que foquem suas análises na reflexão das mudanças e contradições impostas à Geografia na era virtual, sobretudo no âmbito citadino. Trata-se de um passo relevante para o avanço das investigações geográficas nos estudos contemporâneos, compreendendo este como um campo em emergência, o qual demanda dos geógrafos um olhar atento a essas dinâmicas globalizadas.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e platformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 23, n. 57, p. 26-61, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/XDh9FZw9Bcy5GkYGzngPxB/>. Acesso em: 9 de julho de 2025.

BELANDI, Caio; GIL, Brisa (arte). Em 2022, 1,5 milhão de pessoas trabalharam por meio de aplicativos de serviços no país. **Agência de Notícias IBGE**, 25 out. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38160-em-2022-1-5-milhao-de-pessoas-trabalharam-por-meio-de-aplicativos-de-servicos-no-pais>. Acesso em: 9 de julho de 2025.

BERNARDES, Antonio Henrique. Como pesquisar as redes sociais virtuais em Geografia? Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia, Rio Claro, v. 18, n. 2, p. 22–34, 2020. DOI: 10.5016/estgeo.v19i2.13979. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/13979>.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 9. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

COOK, Dave. The freedom trap: digital nomads and the use of disciplining practices to manage work/leisure boundaries. **Information Technology & Tourism**, v. 22, n.3, p 355–390, 2020

DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca**: novas arquiteturas sociais. São Paulo: Edições Sesc, 2020. 196 p.

FERREIRA, Luciana Aparecida. **Netnografia**: uma abordagem qualitativa na pesquisa geográfica. *Estudos Geográficos*, v. 20, n. 1, p. 137–152, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/13979/12038>

GÓES, Eda Maria Beltrão Sposito; MELAZZO, Everaldo Savério, orgs. **Metodologia de pesquisa em estudos urbanos**: procedimentos, instrumentos e operacionalização. Rio de Janeiro: Consequência, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua: Teletrabalho e trabalho por meio de plataformas digitais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/30861-divulgacao/teletrabalho-plataformas-digitais-2022.html>. Acesso em: 01 agosto de 2025.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014

LEMONS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MANCINELLI, Fabiola. Digital nomads: freedom, responsibility and the neoliberal order. **Information Technology & Tourism**, v. 22, n. 3, p. 417-437, 2020.

MAKIMOTO, Tsugio; MANNERS, David. **Digital nomad**. London: John Wiley & Sons, 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes e redes. 2. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2015.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NASCIMENTO, Giovana Oliveira do. **O podcast como metodologia para o ensino de geografia**: caminhos para o estudo do espaço geográfico contemporâneo, do ciberespaço e da cibercultura. 2021. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Geografia) – Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

NOMADS.COM. [S. l.]: Nomads.com. Disponível em: <https://www.nomads.com>. Acesso em: 7 ago. 2025.

REICHENBERGER, Ina. Digital nomads – a quest for holistic freedom in work and leisure. **Annals of Leisure Research**, v. 21, n. 3, p. 364-380, 2017.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

THOMPSON, Beverly. The Digital Nomad Lifestyle: (Remote) Work/Leisure Balance, Privilege, and Constructed Community. **International Journal of the Sociology of Leisure**, v. 2, n. 1, p. 27-42, 2019

TOZI, Fabio; DUARTE, Leandro; CASTANHEIRA, Gabriel. Trabalho precário, espaço precário: as plataformas digitais de transporte e os circuitos da economia urbana no Brasil. **AR@CNE**, v. 25, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/aracne/article/view/33968>.

VALLERIUS, Daniel Mallmann. **Identidades (nem tão) virtuais assim**: um olhar sobre a construção das identidades territoriais no ciberespaço. 2011. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.